

A cidade líquida

Filipa Leal



*aos amigos que me habitam a cidade
à família que vai fazendo de mim uma casa onde se possa entrar*

“Quem tropeça é sempre alguém que se distrai a olhar para as estrelas”

Vladimir Nabokov, *Lectures on Russian Literature*

*Há na cidade o caminho mais longo
e o caminho mais curto.*

I. A CIDADE LÍQUIDA

A CIDADE LÍQUIDA

A cidade movia-se como um barco. Não. Talvez o chão se abrisse em algum lado. Não. Era a tontura. A despedida. Não. A cidade talvez fosse de água. Como sobreviver a uma cidade líquida?

(Eu tentava sustentar-me como um barco.)

As aves molhavam-se contra as torres. Tudo evaporava: os sinos, os relógios, os gatos, o solo. Apodreciam os cabelos, o olhar. Havia peixes imóveis na soleira das portas. Sólidos mastros que seguravam as paredes das coisas. Os marinheiros invadiam as tabernas. Riam alto do alto dos navios. Rompiam a entrada dos lugares. As pessoas pescavam dentro de casa. Dormiam em plataformas finíssimas, como jangadas. A náusea e o frio arroxavam-lhes os lábios. Não viam. Amavam depressa ao entardecer. Era o medo da morte. A cidade parecia de cristal. Movia-se com as marés. Era um espelho de outras cidades costeiras. Quando se aproximava, inundava os edifícios, as ruas. Acrescentava-se ao mundo. Naufragava-o. Os habitantes que a viam aproximar-se ficavam perplexos a olhá-la, a olhar-se. Morriam de vaidade e de falta de ar. Os que eram arrastados agarravam-se ao que restava do interior das casas. Sentiam-se culpados. Temiam o castigo. Tantas vezes desejaram soltar as cordas da cidade. Agora partiam com ela dentro de uma cidade líquida.

(Eu ficara exactamente no lugar de onde saiu.)

II. NÓS, A CIDADE

O PRINCÍPIO DO AMOR

As pessoas ordenavam-se mal.
Ordenavam mal
o princípio do amor, da cidade.
Faziam filas (e filhos) à porta.

Ordenavam-se talvez
como quem conhece o trajecto
para casa.
Sonâmbulas, repetidas:
ordenavam, ordenavam.

Algumas enlouqueciam
pacientemente à porta,
antes de entrar.

Entende: ordenavam-se
tão sem desordem
nessa espera
que algumas morriam
imediatamente à porta
logo que entravam.

A PRIMEIRA AVE

Há um homem que atravessa a rua. Leva sacos às costas, cordas que interrompem a noite de outros homens que passam. São negros, mas rebentam a noite de outros pesos, desfaz-se o corpo leve dos que não regressam.

O homem diz: – É noite na cidade de onde venho. São negros os sacos do homem, pensam os outros. É noite na cidade onde chegas, poderiam pensar. De onde vens?

A cidade está presa nas palavras.

Há uma rua atravessada pelo homem que diz: – A cidade somos nós. E há os que não se transportam no dia, os que não chegam de noite à noite de outros. Os que não se quebram na cidade partida. Os que dizem:

A cidade está presa na memória.

Há no entanto uma cidade no início: sem rua e sem noite ponderada. Sem costas. Que no lugar da torre, tem uma cratera, que no lugar do caminho, tem um poço sem espelho. Sem água. Que no lugar do relógio, tem o sol. Que no lugar do homem, tem a primeira ave. É uma cidade onde ninguém diz a verdade:

A cidade está presa.

O PRIMEIRO HOMEM

Era um homem viciado na luz.
As mulheres que diziam “o homem, o homem”
levantavam-se ou levantavam os olhos
ofuscados e repetiam o homem
e apontavam confusas para dentro do olhar
do homem.

O homem achava estranho que elas
dissessem apenas isso: “o homem”,
e um dia disfarçou-se de mulher
para se esconder da luz.

Da primeira solidão do homem
ninguém falou.
Ninguém repetiu
a primeira solidão do homem.